

GÊNEROS, ENTRE
O TEXTO E
O DISCURSO

QUESTÕES
CONCEITUAIS E
METODOLÓGICAS

SWEDER SOUZA
ADAIL SOBRAL
(organizadores)

GÊNEROS, ENTRE
O TEXTO E
O DISCURSO

QUESTÕES
CONCEITUAIS E
METODOLÓGICAS

MERCADO[®]
 LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gêneros, entre o texto e o discurso : questões conceituais e metodológicas / Sweder Souza, Adail Sobral (organizadores).
– Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-443-4

1. Análise do discurso 2. Gêneros literários 3. Língua portuguesa – Estudo e ensino 4. Linguística 5. Professores – Formação profissional 6. Sala de aula – Direção 7. Textos – Produção I. Souza, Sweder. II. Sobral, Adail.

16-06252

CDD-401.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Gêneros, entre o texto e o discurso : Linguística 401.41

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

foto de capa: Marina Meirelles Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

A garantia de ineditismo dos trabalhos, seus conteúdos e as posições assumidas nos capítulos deste livro são de responsabilidade exclusiva de seus autores, assim como a elaboração textual e os aspectos de revisão.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

OUTUBRO / 2016

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

Prefácio
O GÊNERO LANÇA UMA LUZ SOBRE A REALIDADE,
ENQUANTO A REALIDADE ILUMINA O GÊNERO 9
Beth Brait

INTRODUÇÃO 19

Seção I

QUESTÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

OS GÊNEROS DO DISCURSO NA PERSPECTIVA
BAKHTINIANA: RECINTOS DE ENCONTRO DE
DUAS ESFERAS DA VIDA 29
Valdemir Miotello e Hélio Márcio Pajeú

GÊNEROS, MARCAS LINGUÍSTICAS E MARCAS
ENUNCIATIVAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA 47
Adail Sobral e Karina Giacomelli

GÊNEROS DO DISCURSO E EDUCAÇÃO
EM LINGUAGEM: [IN]QUIETUDES 71
Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti e Eloara Tomazoni

ENSINAR LETRAMENTO, TEXTO, GÊNERO E DISCURSO NA UNIVERSIDADE, NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA [BRASILEIRA]	89
--	----

Marcos Baltar

GÊNEROS TEXTUAIS NO CONTEXTO ACADÊMICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA MATERNA	103
--	-----

Dulce Cassol Tagliani

NOVOS LETRAMENTOS, TECNOLOGIAS, GÊNEROS DE DISCURSO.	127
--	-----

Roxane Rojo

GÊNEROS, ENTRE O TEXTO E O DISCURSO: APONTAMENTOS	151
---	-----

Sweder Souza e Kátia Bruginiski Mulik

Seção II

GÊNERO E PRÁTICA SOCIAL

GÊNERO E PRÁTICA SOCIAL: COMO A REDE GLOBO INVENTA UMA IDENTIDADE POSITIVA A PARTIR DO PROGRAMA “O SAGRADO”	173
---	-----

Vanessa Arlésia de S. Ferretti-Soares e Adair Bonini

A PESQUISA NO AMBIENTE ESCOLAR: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ENSINO DE GÊNERO RELATO.	197
--	-----

Eliana Dias e Kátia Cristina S. Ferreira

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO GÊNERO REPORTAGEM DIDÁTICA NA REVISTA NOVA ESCOLA	221
--	-----

Francieli Matzenbacher Pinton

MODELO DIDÁTICO DO GÊNERO BIODATA:
SUBSÍDIO PARA A ESCRITA ACADÊMICA
EM LÍNGUA INGLESA 243
Ana Valéria Bisetto Bork e Vera Lúcia L. Cristóvão

MULTIMODALIDADE E MULTILETRAMENTOS
NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA: PRÁTICAS
E REFLEXÕES 263
Kátia Bruginiski Mulik

GÊNEROS ACADÊMICOS X GÊNEROS
DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA – UM ESTUDO
COMPARATIVO DO LÉXICO COM AUXÍLIO DE
PROCESSAMENTO AUTOMÁTICO 279
Alena Ciulla, Lucelene Lopes e Maria José B. Finatto

A INFRAESTRUTURA DO TEXTO MULTIMODAL:
O CASO DO GÊNERO CARTOON 311
Audria Albuquerque Leal

PIBID E INCLUSÃO SOCIAL: CARTA
DE RECLAMAÇÃO EM UMA TURMA
DE OITAVO ANO. 327
Miriam Sester Retorta e Karina Rosse Lopes

Seção III

ENTREVISTAS

ENTREVISTA COM *JEAN-PAUL BRONCKART* 356
Jean-Paul Bronckart

ENTREVISTA COM *CHARLES BAZERMAN* 374
Charles Bazerman

REFERÊNCIAS GERAIS 383

SOBRE OS ORGANIZADORES E OS AUTORES. 405

Prefácio
O GÊNERO LANÇA UMA LUZ SOBRE
A REALIDADE, ENQUANTO A REALIDADE
ILUMINA O GÊNERO

[...] a realidade do gênero e a realidade que o gênero pode alcançar estão organicamente ligadas. [...] a realidade do gênero é a realidade social de sua realização no processo de comunicação social. Dessa forma, o gênero é um conjunto de meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica. Medviédev.¹

Começo este *prefácio* lembrando que por se tratar de um gênero (não há como fugir dessa dimensão constitutiva da linguagem) ele está submetido a algumas normas e coerções, que o distinguem dos demais gêneros existentes ou por existir. Uma de suas marcas é anteceder o texto principal, preparando o leitor para a leitura da obra a que se acopla, funcionando muitas vezes como *apresentação, introdução*. Se viesse depois do texto principal, o prefixo *pré* seria substituído por *pós* e sua denominação deixaria de ser *prefácio* para ser *posfácio*, não mais se confundindo com *apresentação* ou *introdução*. Não seria, entretanto, unicamente

1. Medviédev 2012, p. 200.

de uma mudança de nome e de lugar: o *posfácio* obrigatoriamente incorporaria outros discursos, outras *identidades*, outra *maneira textual de ser*, uma vez que o *destinatário* ocuparia, enquanto sujeito discursivo, posição diferente daquela do leitor de um prefácio. O leitor a quem prefácio e posfácio se dirigem, ainda que possa constituir um mesmo sujeito empírico, ocupa posições discursivas diferenciadas.

No caso do *prefácio*, o leitor pode ser definido como *virtual*, por assim dizer, localizado num momento anterior à leitura da obra, estando bastante *aberto* e até mesmo *vulnerável* às explicações, aos elogios, aos apelos, às justificativas para a existência da obra, cuidadosamente costuradas pelo prefaciador. Num certo sentido, esse leitor está disponível para ser direcionado à leitura proposta no prefácio, quer queira ou não, e o enunciador do prefácio conta com isso. O leitor do *posfácio*, diferentemente, só chega a esse texto após a leitura da totalidade da obra, estando menos vulnerável em relação a um ponto de vista, a uma avaliação sobre o que acaba de ler e, portanto, mais apto a responder a esse texto, anexado, não gratuitamente, após o autor ter colocado seu ponto final. Assim sendo, ainda que *prefácio* e *posfácio* guardem uma proximidade muito grande, as distâncias que os separam não são meramente *espaciais* no universo representado pela existência de uma obra. É verdade que mais um aspecto os aproxima: tanto o prefácio quanto o posfácio podem ter sido escritos não para o momento de lançamento da obra, mas depois de ela ter circulado, ter criado fama, ter despertado a atenção de críticos e comentadores. No momento de uma nova edição, por exemplo, um especialista é convidado a redigir um prefácio ou um posfácio, dependendo dos interesses dessa nova edição.

Ainda no que se refere às especificidades do *prefácio* enquanto gênero e considerando que o lugar por ele ocupado, em relação à obra, funciona como uma de suas marcas, conferindo-lhe a função de antecipar (apresentar, introduzir) resumidamente o que o leitor terá pela frente e, de forma clara ou dissimulada, apontar-

lhe um caminho de leitura, há ainda outro aspecto que poderia ser ponderado em relação à sua forma *genérica* de ser: a *autoria*. O prefácio admite duas possibilidades de autoria, de assinatura, de posicionamento em relação ao trabalho a ser apresentado: o autor da obra redige também o texto antecipador ou delega a outra pessoa essa tarefa. A escolha de uma dessas alternativas implica, necessariamente, uma variação no que concerne à dimensão discursiva do gênero, apontando para *pontos de vista* instaurados no texto em relação ao conteúdo e à organização da obra e, ainda, para sua inserção em tradições de *funcionamento* de prefácios.

Sendo o prefácio assinado pelo mesmo autor da obra, a tradição em que se insere demonstra que a preocupação será esclarecer o leitor a respeito do *projeto discursivo* representado pela obra, quer em relação ao conteúdo temático, quer em relação à organização, quer a ambos. Como autor da obra, ele sabe que seu texto poderá apresentar alguma dificuldade de compreensão ao leitor, justamente pelo que tem de inovador, de inesperado ou até mesmo de transgressor. Nesse sentido, esse autor tem a seu favor um gênero consagrado, uma *escrita prefaciadora* que estará voltada, de maneira quase que didática, ao esclarecimento e à justificativa da opção pelos aspectos essenciais que caracterizam sua obra. Enquanto autor, ele procurará, por meio do prefácio, explicitar a quem a obra se dirige, a quem e a que responde, com quem dialoga, procurando esclarecer a maneira que encontrou, via polêmica aberta ou velada, para contribuir para construção de conhecimentos.

Ou seja, o autor da obra, e ao mesmo tempo do prefácio, expõe suas posturas em relação ao conhecimento produzido, à intencionalidade da obra, às expectativas do que ele considera o *estado da arte* e a possibilidade de interferir nesse estado. A maneira como essa escrita se organiza poderá, portanto, assumir diferentes funções: não apenas explicitar as razões que levaram o autor a escrever e/ou organizar a obra, mesmo que o tema já tenha sido largamente exposto, mas também justificar ou defender a necessidade/importância/pertinência da temática ou dessa forma

de organização, aproximando o leitor não somente dos elementos que articulam seu trabalho, mas também de seu ponto de vista em relação ao contexto acadêmico/científico (ou por vezes literário) em que a obra se insere. Muitas vezes essa escrita é tão contundente em sua tentativa de *instruir* o leitor, que se aproxima de outros gêneros, tais como o *manifesto* e/ou o *ensaio científico-acadêmico*.

Assim sendo, o prefácio assinado pelo autor, em muitos casos, deixa de ser um simples *paratexto*, um texto paralelo ao texto principal, para assumir a condição de elemento constitutivo da obra, parte essencial da produção de sentidos representado pela obra enquanto *enunciado concreto*, no sentido bakhtiniano do termo. Se assim for, esse prefácio não poderá se separar da obra nas edições seguintes, sob pena de comprometer a dimensão histórica, o sentido assumido pela obra no momento de seu surgimento.

Quando o prefácio é de outra pessoa, geralmente convidada pelo autor, pelo organizador, ou pela editora, sua função será um tanto diferente da anterior. Em primeiro lugar, será a enunciação de outro enunciador, e não a do mesmo que escreveu/organizou a obra. Isso significa que, no *enunciado*, mais uma vez no sentido bakhtiniano do termo, ou seja, na totalidade da obra enquanto materialidade, lugar social, histórico, cultural, acadêmico, etc., estarão presentes ao menos duas vozes. A segunda, a que enuncia o prefácio e nele se enuncia, poderá, sem dúvida, explicar a obra, esclarecer seus objetivos, sua importância na construção do conhecimento a que se propõe. Entretanto, de antemão, supõe-se que ela incorpore o discurso do *elogio*, do convite à leitura, trazendo o leitor para perto da obra, não por meio unicamente da explicação, ainda que pertinente, mas via *sedução*.

O prefaciador, nesse caso, coloca-se num lugar discursivo diferente do autor, no sentido de que tem, além de tudo, a obrigação de assumir um discurso que, em certa medida, é profundamente *publicitário*. Evidentemente que ninguém, em sã consciência, aceitaria fazer um prefácio se não tivesse, depois de ter lido a obra, considerado uma contribuição importante, necessária, pertinente

para a construção do conhecimento. Mostrar, por exemplo, os pontos fracos, as inadequações, é algo que está inteiramente fora das características do *prefácio*, do lugar que lhe cabe enquanto gênero do discurso. Quem não gostou não se pronuncia em forma de *prefácio*.

Esse aspecto é muito importante para a reflexão sobre o gênero do discurso. No que se refere ao que cabe ou não a cada gênero, o que pode ou não cada um dos existentes e por existir, Pavel Medviédév, um dos participantes do que hoje se chama Círculo de Bakhtin, ao discutir a orientação do gênero na realidade, esclarece uma de suas características essenciais:

Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela. (Medviédév 2012, p. 196)

Portanto, não caberia ao *prefaciador* (quer *autor* ou não da obra), pelo lugar discursivo ocupado no gênero, a não ser apresentar uma posição positiva diante do texto que leu e gostou, esclarecendo a importância do trabalho e sua pertinência para a construção do conhecimento na área em que se insere. Observe-se, entretanto, que esse gênero, *prefácio*, como qualquer outro, tem suas especificidades, suas estabilidades e instabilidades, suas variáveis e invariáveis. Ainda que de maneira breve e sintetizada, elas foram aqui destacadas, cabendo mais uma observação pertinente e geral.

O conceito de *gênero do discurso*,² uma das importantes contribuições de Mikhail Bakhtin, Valentin Volochínov e Pavel Medviédév desde a década de 1920, está diretamente ligado, em todos esses autores, a outros conceitos, noções, categorias que constituem o chamado *pensamento bakhtiniano* ou a *perspectiva*

2. Brait, B. e Pistori, M. 2012.

dialógica do discurso. Embora a maioria dos pesquisadores, das mais diferentes tendências dos estudos da linguagem, reverencie unicamente o texto *Os gêneros do discurso*,³ outros trabalhos, do porte de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem,⁴ *Problemas da poética de Dostoiévski*⁵ e *O método formal nos estudos literários: Introdução crítica a uma poética sociológica*,⁶ para citar apenas três dos que enfrentaram a linguagem a partir de uma perspectiva sociológica/dialógica/estética/ética e política, na segunda década do século XX, trazem o conceito de *gênero* ligado, por exemplo, a *enunciado*, *signo ideológico*, *interação* e, necessariamente, à história/ historicidade/ sociedade/cultura. Assim, para se ter uma ideia das relações estabelecidas entre os conceitos, nessa perspectiva o termo *enunciado* implica *enunciação*. Um exemplo disso é o momento em que o tradutor dos textos reunidos sob o título *Estética da criação verbal*,⁷ Paulo Bezerra, explicita com muita clareza que, em russo, o termo implica constitutivamente *enunciado* e *enunciação*, ou seja, o processo e o produto:

Bakhtin emprega o termo *viskázivanie*, derivado do infinitivo *viskázivat*, que significa ato de enunciar, de exprimir, de transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras. O próprio autor situa *viskázivanie* no campo da parole saussureana. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Hucitec, São Paulo), o mesmo termo aparece traduzido como “enunciação” e “enunciado”. Mas Bakhtin não faz distinção entre enunciado e enunciação, ou melhor, emprega o termo *viskázivanie* quer para o ato de produção do discurso, quer para o discurso estrito, o discurso da cultura, um romance

3. Bakhtin 2003.

4. Bakhtin, M. (Volochinov, V. N.) 1929[1997].

5. Bakhtin, M. 1929[2008], 1ª ed. com o título *Problemas da obra de Dostoiévski*.

6. Medviédev, P. N. 1928[2012].

7. Bakhtin, M. 2003, 4ª ed.

já publicado e absorvido pela cultura, etc. Por essa razão, resolvemos não desdobrar o termo (já que o próprio autor não o fez) e traduzir *viskázivanie* por enunciado. (N.T.) (Bakhtin 2003, p. 261)

Enunciado, portanto, não se opõe à *enunciação* na teoria dialógica: são instâncias implicadas, conforme dá conta o conhecimento do termo russo *viskázivanie*. Ou, ainda, a leitura cuidadosa de trabalho Gêneros do discurso (tão constantemente citado...), que vai esclarecer que *enunciado*, como instância do discurso, da linguagem em uso, se opõe à frase, enquanto instância exclusivamente linguística, na perspectiva de *sistema*. Sendo a frase o modelo linguístico, sua realização numa situação concreta de comunicação discursiva se dá como enunciado.

Tudo isso para lembrar de uma postura epistemológica, teórica e metodológica muito importante: se há várias teorias que podem se complementar, o que é verdade para o estudo dos gêneros, é fato também que não se pode rejeitar um termo definido no interior de determinada teoria, caso de enunciado no pensamento bakhtiniano, acreditando que ele se opõe a outro termo, supostamente só encontrado em outra teoria, como é o caso de enunciação. A variação nas traduções⁸ nas obras do Círculo (enunciado/enunciação) acontece precisamente pelo que explicou Paulo Bezerra: “Bakhtin emprega o termo *viskázivanie* [...] que significa ato de enunciar, de exprimir, de transmitir pensamentos, sentimentos”.

Neste prefácio, portanto, escolhi discorrer sobre o gênero que me foi proposto – *prefácio* –, justamente para aderir ao importante tema desenvolvido na obra *Gênero(s): entre o texto e o discurso: entrelaçamentos e singularidades*, incluindo-me, assim, no espaço discursivo do conjunto, não apenas para apresentar essa

8. Uma das últimas traduções da obra de Volochinov, realizada no Brasil por João Wanderley Geraldi, opta pelo termo *enunciação*. Volochinov 2013.

coletânea, mas para, de imediato, reconhecer sua importância e, especialmente, sua necessidade. Desde o título, esta minha posição foi declaradamente assumida, como forma de testemunhar que uma coletânea de textos sobre gêneros, escrita a partir de diferentes posições teóricas ou na confluência polêmica ou harmoniosa entre elas, embora em meio a tantas outras, é absolutamente bem-vinda.

Isso porque, justamente como diz o título deste prefácio “O gênero lança uma luz sobre a realidade, enquanto a realidade ilumina o gênero” e é preciso, de forma contínua, saber o quanto essa instância inescapável da linguagem auxilia o ensino-aprendizagem da língua materna, de outras línguas e da realidade que nos cerca, na qual nos inserimos e da qual somos participantes ativos, sujeitos, autores, leitores. Ao menos é isso que os pesquisadores, teóricos e práticos esperam dessa discussão aprofundada sobre gêneros. Em tempo: gostaria muito de assumir a autoria do título deste prefácio. A asseção pertence, no entanto, ao mesmo autor da epígrafe e de um dos trechos aqui citados: Pavel Medviédév (2012, p. 201), do Círculo de Bakhtin, como esclarecem as edições brasileira e francesa, traduzidas diretamente do russo. Essa definição de gênero estabelece, de forma explícita, clara, incontornável, a relação entre gênero e realidade, entre linguagem e vida, em sua dimensão histórica, social, cultural.

E são esses aspectos, ao final das contas, que essa coletânea propõe e realiza. Organizada por *Sveder Souza*, discente do Curso de Letras – Português e Inglês, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e por Adail Sobral, esse conjunto de importantes textos, assinados por pesquisadores de diferentes níveis e lugares institucionais, coloca em pauta, mais uma vez e sob diferentes perspectivas, aspectos teóricos e práticos do *gênero* enquanto dimensão constitutiva da linguagem, surpreendido especialmente, mas não unicamente, nas reflexões sobre ensino, sobre sociedade contemporânea, entrevisto em suas normas formas, em suas possibilidades de entender a comunicação discursiva, seus sujeitos, suas tensões.

É preciso reconhecer, para finalizar, que o destino de um *prefácio* é bem estranho. Ele procura de todas as maneiras trazer o leitor para dentro do texto e, na maioria das vezes, é tratado como um obstáculo a ser pulado para se atingir diretamente o alvo. Com muita sorte, o leitor volta depois de ter lido o que realmente lhe interessa, conferindo se, porventura, há algo de interessante nessa antecipação resumida da obra.

Por isso, considerando que os leitores terão nessa coletânea um espaço complexo e múltiplo de reflexão sobre gêneros e suas manifestações na contemporaneidade, o que sem dúvida os ajudará em suas atividades e esferas de atuação, este prefácio limitou-se a um propósito bastante simples: instaurar, metalinguisticamente e por sugestão da perspectiva dialógica, um diálogo em diferentes níveis de discurso, com variados interlocutores.

Beth Brait

(PUC-SP/USP/CNPq)

São Paulo, novembro de 2014.

INTRODUÇÃO

As margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além de sua configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases, nó em uma rede. (Michel Foucault)

Para a filósofa Márcia Tiburi, a filosofia emerge como experiência de pensamento possível em que a cada escrita vem ela a ser recriada por quem a escreve, bem como por quem a lê. Desse modo, o exercício do pensamento se torna possível através das lacunas, dispersões e acontecimentos inerentes a todo dizer. Logo, não se pode dizer tudo, e aquilo que percebemos como real se assenta nessa impossibilidade de tudo dizer e no esforço vão de tentá-lo. Entre brechas e lacunas, entre deslocamentos e confrontos, as teorias e abordagens são desconstruídas, (re)estabelecidas ou (des)territorializadas. Cada sujeito passa a ser percebido enquanto atravessado pela experiência que revela a ausência na presença e a distância entre o feito e o fazer, entre o dito e o dizer, no âmbito da possibilidade de trazer novas formas de escuta.

Esta coletânea surge a partir do desejo de trazer à tona um livro que dialogue com outros livros, que revele desencontros, rupturas e proximidades, em meio às singularidades que constituem os sujeitos que escrevem e leem, incluindo aqueles que escrevem

enquanto sujeitos leitores de outros livros. Dessa forma, a proposta emerge a partir das discussões de questões que permeiam os estudos dos gêneros (em suas abordagens textual e discursiva), procurando dar conta de suas questões conceituais e metodológicas; das práticas sociais e do ensino; do letramento; da análise de gêneros; da modelização didática etc. Por isso, pretendemos possibilitar que, na discussão das reflexões que aqui vão se constituir, percorramos o terreno da multiplicidade, buscando transitar por distintas abordagens e teorias do objeto em questão, possibilitando assim que os leitores tenham ao seu dispor um amplo painel conceitual e de investigação.

Nesses termos, manter-se atento à voz do outro, perceber as alteridades constitutivas, descobrir que os deslocamentos só se tornam possíveis através de falhas produtivas, em vez de negativas, são ações que requerem a percepção de faltas que vão sendo nomeadas e, ao serem nomeadas, transformem o turbulento interior dos discursos sobre os quais se vão inscrevendo possibilidades de dizer, sempre aquém de um real tudo dizer.

Ao sabor das contribuições de Georges Canguilhem, resta-nos acentuar a aparição das teorias percebidas sob a inscrição nos terrenos da descontinuidade, em que cada teoria vai sendo assentada, problematizada, acrescida, recortada enquanto objeto discursivo que tem características, critérios e historicidade próprios. Neste contexto, vale acentuar que não se trata de um livro sobre verdades, mas de possibilidades. Diante da experiência de cada sujeito que escreve, de cada sujeito leitor, as teorias se transformam, são deslocadas, atribuindo sentidos outros à escritura ou revelando nesta novos sentidos. Vale destacar que nenhuma das abordagens adotadas e/ou aplicadas, que aqui tem sua aparição, se propõe a deslegitimar outras, ainda que delas difiram e com elas entrem por vezes em conflito, algo natural e impessoal no campo acadêmico. Assim, todos aqui temos um propósito: contribuir para os estudos dos gêneros textuais e discursivos, de forma a lançar luzes sobre a prática docente, o ensino e os aspectos conceituais e metodológicos.

Afirma-se que a escritura pode possibilitar a experiência de tornar-se outro a cada leitura, no encontro com o dizer do outro. Com Derrida aprendemos que a escritura é uma atividade que não se esgota nos pontos finais, que toda escrita é encontro com um devir que não cessa de ser reinventado. Para que isso ocorra, é preciso que surjam outras vozes, que o já-dito seja revestido de outras roupagens e vá assim deixando escapar nas intermitências do dizer a inscrição de outros dizeres.

É nossa esperança que este livro se constitua naquilo que objetiva ser: caminho de reticências. Não alegamos aqui a defesa de verdades absolutas, mas a aparição de incompletudes, de derivas, de sujeitos atravessados pela falta, de escritas que dialogam com outros textos, o que torna também este um livro para que outros livros sejam escritos.

Agradecemos a cada um dos que aceitaram o convite realizado meses atrás, pela paciência que tiveram com os prazos e pelo empenho em apresentar textos marcados pela constituição de cada um nas inscrições dos estudos a que se dedicam. Em cada texto, não temos apenas palavras; estas vão aos poucos deixando escapar fragmentos de sujeitos, de lugares, de experiências no diálogo com outros textos e instâncias históricas. Temos então o encontro com as palavras de Roland Barthes, na obra “O prazer do texto”, quando discute a relação entre as linguagens e os textos:

Como é que um texto, que é linguagem, pode estar fora das linguagens? Como exteriorizar (colocar no exterior) os falares do mundo, sem se refugiar em um último falar a partir do qual os outros seriam simplesmente relatados, recitados? Desde que nomeio, sou nomeado. (Barthes 2013, p. 39)

Ao nomear o mundo que nos cerca, temos então a potência dos signos, com os quais o homem cria universos de sentido, nas palavras de Fiorin (2011, p. 73) para quem “[...] as línguas não são

nomenclaturas que se aplicam a uma realidade preordenada, mas são modos de interpretar o mundo”, ou seja, para além do dito, o dizer desvela a partir de onde se diz. Dessa forma, há modos de interpretar os gêneros sob diferentes olhares: partindo de abordagens textuais ou discursivas, pautados em reconfigurações teóricas e/ou metodológicas ou ainda no entrelaçamento entre várias abordagens e pontos de partida. O que aqui propomos é a continuação de obras que invistam em painéis temáticos que apresentem a pluralidade de estudos do campo.

Para dar conta dessa pretensão, os capítulos estão divididos em três seções. A seção I, intitulada *Questões Conceituais e Metodológicas*, é composta por sete capítulos que transitam entre questões conceituais e metodológicas que compreendem o estudo dos gêneros.

O primeiro capítulo, intitulado *Os gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana: recintos de encontros de duas esferas da vida*, escrito por Valdemir Miotello e Hélio Márcio Pajeú, apresenta reflexões acerca da questão dos gêneros do discurso na visão de Bakhtin, discutindo ainda as esferas da ética e da estética como parte constituinte dos sentidos que singularizam os sujeitos nas suas interações, as quais revelam práticas de linguagem situadas no espaço e no tempo.

O capítulo dois, *Gêneros, marcas linguísticas e marcas enunciativas: uma análise discursiva*, de autoria de Adail Sobral e Karina Giacomelli, propõe um debate sobre a prática de trabalho com gêneros permeada por questões relativas à combinação de uma análise de *marcas linguísticas* a uma análise de *marcas enunciativas*, buscando assim lançar luzes sobre a reflexão sobre os gêneros e a análise dos gêneros.

O capítulo três intitula-se *Gêneros do discurso e educação em linguagem: [in]quietudes*, de Mary Elizabeth Cerrutti-Rizzatti e Eloara Tomazi, e problematiza o modo como a educação em relação à linguagem, na esfera escolar, tem se delineado no que se refere a abordagens a partir dos *gêneros do discurso*, contemplando reflexões

acerca de como são organizados livros didáticos na esteira desse novo olhar, para nortear a ação escolar.

O texto *Ensinar letramento, texto, gênero e discurso na universidade, na formação inicial de professores de língua portuguesa [brasileira]* constitui o quarto capítulo. De autoria de Marcos Baltar, ele nos traz reflexões em relação ao ensino do gênero e sua preocupação quanto à tão necessária mudança pragmática do ensino de língua no Brasil e ao que acarreta esse processo de transformação do ensino de língua portuguesa [brasileira] para chegarmos ao resultado que se tem buscado na pesquisa acadêmica, principalmente no campo da Linguística Aplicada.

O capítulo cinco, *Gêneros textuais no contexto acadêmico: implicações para o processo de ensino e aprendizagem de língua materna*, de autoria de Dulce Cassol Tagliani, perpassa pelas práticas de linguagens a serem implementadas no contexto escolar e destaca a preocupação com a formação inicial do professor em relação aos agentes escolares e suas práticas sociais.

No capítulo seis, *Novos Letramentos, tecnologias, gêneros de discurso*, de Roxane Rojo, a autora aborda a perspectiva dos *novos letramentos*, a partir de características específicas possibilitadas por este escopo teórico-analítico e sua incorporação em novas práticas, novos gêneros de discurso e no conjunto de valores que o uso das tecnologias pode fazer/faz emergir nesse processo.

No sétimo e último capítulo da primeira seção, intitulado *Gêneros, entre o texto e o discurso: apontamentos*, de autoria de Sweder Souza e Kátia Bruginski Mulik, é apresentado um panorama reflexivo a respeito dos estudos dos gêneros textuais e discursivos quanto a suas especificidades e singularidades. Dessa forma, o capítulo configura-se como uma breve conclusão da primeira seção, pois perpassa pelos construtos de ambas as perspectivas conceituais dos estudos dos gêneros (textual e discursivo), que também foram abordadas nos capítulos anteriores.

A seção II busca a articulação das questões conceituais e metodológicas junto às questões relacionadas ao ensino e aprendizagem, de forma que não sejam dissociadas, mas sim refletidas em um outro constructo: o caráter social do gênero. A seção é composta por oito capítulos, sendo o primeiro intitulado *Gênero e prática social: como a Rede Globo inventa uma identidade positiva a partir do programa “O Sagrado”*. De autoria de Vanessa Arlésia de Souza Ferretti-Soares e Adair Bonini, o texto reflete acerca do gênero interprograma (O Sagrado) a partir do modo como é organizado e constituído tematicamente na condição de componente do conjunto das práticas de propaganda institucional indireta da Rede Globo.

O nono capítulo, *A pesquisa no ambiente escolar: sequência didática para ensino de gênero relato*, de Eliana Dias e Kátia Cristina S. Ferreira, é reflexo de uma pesquisa realizada em sala de aula visando assim fazer uma reflexão coletiva sobre a prática pedagógica de professores do ensino fundamental, no que se refere, especificamente, às sequências didáticas elaboradas com o intuito de intervir em sala de aula para amenizar ou resolver situações problemáticas no ensino de aspectos de um determinado gênero.

O capítulo décimo, *Descrição e análise do gênero reportagem didática na Revista Nova Escola*, de Francieli Matzenbacher Pinton, descreve e analisa o gênero reportagem didática veiculado na revista *Nova Escola* entre os anos 2006 e 2010 apresentando seu referencial para análise de gênero na ótica da Sociorretórica, discutindo conceitos-chave como gênero e reportagem didática. Neste contexto, são descritos os procedimentos metodológicos adotados para análise do gênero reportagem didática e, por fim, temos a análise da configuração com(textual) do gênero.

Modelo didático do gênero biodata: subsídio para a escrita acadêmica em língua inglesa, compõe o décimo primeiro capítulo, e é de autoria de Ana Valéria Bisetto Bork e Vera Lúcia Lopes Cristóvão. As autoras apresentam um estudo sobre o gênero textual biodata, referente à esfera acadêmica/profissional, contando com as contribuições do

ISD para a transposição didática do gênero. As autoras também pautam seu trabalho pela noção de construção do modelo didático de gênero proposto por Schneuwly e Dolz (2004), na proposta de análise de textos de Bronckart (1999, 2012) e na construção de modelos didáticos de gêneros em língua inglesa, a partir de estudos realizados por Cristovão (2001, 2007).

No décimo segundo capítulo, *Multimodalidade e multiletramentos nas aulas de Língua Inglesa: práticas e reflexões*, Kátia Bruginiski Mulik apresenta algumas reflexões referentes à produção de textos multimodais e ao desenvolvimento dos multiletramentos. No escopo deste trabalho, encontram-se algumas problematizações acerca da (re)definição de conceitos como multimodalidade, gêneros textuais, leitura e letramento.

No décimo terceiro capítulo, *Gêneros acadêmicos x gêneros de divulgação científica – um estudo comparativo do léxico com auxílio de processamento automático*, Alena Ciulla, Lucilene Lopes e Maria José Bocorny Finatto comparam textos de dois diferentes gêneros discursivos situados em uma mesma área de conhecimento com o objetivo de verificar, no que diz respeito ao léxico, especificamente a partir da recorrência dos principais termos dos textos, como o conhecimento que é fruto de pesquisa acadêmica chega ao leitor leigo.

O décimo quarto capítulo, *A infraestrutura do texto multimodal: o caso do gênero cartoon*, de Audria Albuquerque Leal, propõe mostrar caminhos que levem a uma compreensão da relação que o verbal tem com o não verbal no funcionamento textual e, para isso, a autora escolheu o gênero *cartoon*, devido ao fato de este gênero possibilitar mais especificamente análises que considerem as especificidades e os desdobramentos da imagem na organização textual.

O décimo quinto, último capítulo da seção II, intitulado *PIBID e inclusão social: carta de reclamação em uma turma de oitavo ano*, de Miriam Sester Retorta e Karina Rosse Lopes, é fruto de um trabalho de pesquisa com o objetivo de refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem de língua materna via trabalho realizado

através da tessitura de olhares sobre sequências didáticas que contenham o gênero textual carta de reclamação.

A terceira e última seção do livro – *Entrevistas* – é composta por duas entrevistas, uma com Jean-Paul Bronckart e a outra com Charles Bazerman. Nelas, os entrevistados apresentam sua trajetória e nos respondem, de forma concisa, algumas questões referentes ao ensino, ao trabalho, à pesquisa e aos panoramas dos estudos da área do gênero.

Como nos indica Nietzsche, não existem fatos eternos nem verdades absolutas, porque nada está dado e tudo veio a ser. Desejamos a todos os leitores leituras que possam permitir o deslocamento dos signos das certezas que se foram alojando com o passar do tempo enquanto efeitos de verdade, afim de que possamos, juntos, perceber o ato de ver como experiência perfurada pelos vazios que constituem os seres fixos-mutáveis que somos todos nós.

Os organizadores

Curitiba/Pelotas, janeiro de 2015.